

**“O QUE FAÇO DA MINHA ETERNIDADE”? - O IMAGINÁRIO  
MEDIEVAL EM A DAMA E O UNICÓRNIO, DE MARIA TERESA HORTA**

**“WHAT SHOULD I DO WITH MY ETERNITY?”- THE MEDIEVAL  
IMAGINARY IN THE LADY AND THE UNICORN, BY MARIA TERESA HORTA**

Ana Maria Lisboa de Mello<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0651-1974>

“O símbolo é uma representação que faz *aparecer*  
um sentido secreto, é a epifania de um mistério”.  
Gilbert Durand

**Resumo:** Este artigo aborda o livro *A Dama e o Unicórnio*, da poeta portuguesa Maria Teresa Horta, cujos poemas dialogam com as tapeçarias medievais do séc. XV, do Museu Nacional da Idade Média, em Paris. Essa análise focaliza a presença e os possíveis significados do mito do unicórnio no imaginário ocidental, bem como a forma como os poemas trabalham a misteriosa relação entre o animal fabuloso e a Dama.

Palavras-chave: Mito. Imaginário. Unicórnio. Poesia

**Abstract:** This article analyzes the book *A Dama e o Unicórnio* by the Portuguese writer Maria Teresa Horta, whose poems dialogue with the medieval tapestries of the 15th century, from the National Museum of the Middle Ages in Paris. This analysis focuses on the presence and possible meanings of the unicorn myth in the Western imagination, as well as the way in which the poems tackle the mysterious relationship between the fabulous animal and the lady.

Keywords: Myth. Imaginary. Unicorn. Poetry

---

<sup>1</sup> PPGLN/UFRJ -CNPq

A obra *A Dama e o unicórnio*, livro lírico-épico, de Maria Teresa Horta, publicado em Portugal em 2013, é ilustrado com reproduções da série de tapeçarias "La Dame à la Licorne" do Museu Nacional da Idade Média, conhecido por Museu Cluny, em Paris, e inclui um CD com a cantata profana de Antonio Sousa Dias, com os poemas da autora. O livro é composto por 72 poemas, divididos em oito cantos: "Arte e Ofício"; "As Personagens"; "As Tapeçarias"; "O Mito"; "À mon seul désir"; "A Sedução", "Posse"; "A Eternidade".

A obra, ricamente ilustrada com fotos das tapeçarias medievais referidas, inspira-se no enredo dessa obra artesanal, composta de seis grandes tapetes, que narram uma história a ser decifrada. No fundo dos tapetes predominam tons vermelhos e alaranjados, com uma cena central sobre um tapete em azul, tendo, em torno, plantas e animais comuns (raposa, cachorro, pato, perdiz, macaco, pássaros, pato...) e outros mais raros ou de pouco contato humano (leão, filhote de leão, pantera, guepardo) e, sobretudo, o animal mágico, ou seja, o Unicórnio, a jovem Dama e a aia que a serve.

Essas tapeçarias pertenciam à família La Viste, de Lyon, e possivelmente, segundo algumas pesquisas, teriam sido desenhadas por artista francês e confeccionadas por artistas-artesãos da Bélgica. Em todas elas, aparece o estandarte da família La Viste e possivelmente os animais em destaque – Leão e Unicórnio – foram suporte do Brasão de Armas da família.

A escritora francesa George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), foi diversas vezes na cidade de Boussac, localizada na região administrativa da Nova Aquitânia, e viu as tapeçarias na subprefeitura, que funcionava no Castelo da cidade. Tocada pela beleza da obra, Sand foi a primeira a divulgar as esquecidas tapeçarias para um largo público e, inclusive, comentou sobre esse conjunto no seu romance *Jeanne*, publicado em 1844. A autora escreveu também sobre as tapeçarias em artigo de 1847 na Revista *L' Illustration*. Retomou esse assunto em 1862, na obra *Autour de la table*. Prosper Mérimée (1803-1870) foi o segundo escritor francês a divulgar as tapeçarias de *A dama e o unicórnio*. Em 1882, a municipalidade de Boussac aceitou vender essa obra de arte ao Estado Francês e, em seguida, as seis peças foram depositadas no *Museu das Termas e do Hotel de Cluny*, especialista em Idade Média, em Paris. Não se sabe se o conjunto das seis tapeçarias está completo, já que George Sand disse ter visto oito tapeçarias em Boussac.

Jean-Pierre Jossua mostra que esse mito do Unicórnio é bem antigo. No Ocidente, surge em torno do século V a.C e, segundo esse autor, o médico grego Ctésia cita a figura de um asno selvagem branco, com cabeça ruiva e um chifre de 50 cm, sinal de força, poder e caráter, sendo um animal que, segundo crenças, não se pode capturar, somente matar. O

médico Ctésia considerava que o chifre do Unicórnio teria poderes medicinais, capaz de proteger contra convulsões e envenenamento (JOSSUA, 1994, p.15). Encontram-se referências, em descrições desse animal encantado, sobre o poder de seu chifre de purificar águas contaminadas.

O Unicórnio é um animal que tem um papel relevante no imaginário antigo e medieval. Em muitas iconografias é representado também sob a forma de um cervo branco, com crina de cavalo e um chifre único que sai da fronte. Na *Encyclopédie des symboles*, dirigida por Michel Cazenave, consta que o fato de o chifre sair da fronte sugere que esse nasce na sede do espírito e, portanto, o símbolo sexual é reavaliado e, seguidamente, surge como “símbolo da pureza e da força” (CAZENAVE, 1989, p. 357). Carl Gustav Jung, em *Psicologia e Alquimia*, observa que o unicórnio é uma entidade de múltiplas formas (cavalo, asno, dragões...), mas trata-se do tema do animal com um único chifre na testa. Jung relaciona o Unicórnio à alquimia, ao simbolismo do *Mercurius*, como também atribui ao leão a mesma natureza mercurial. Na alquimia, o *Mercurius* representa a *anima* e, portanto, o *ligamentum* (ligamento) que reúne *spiritus* e *corpus* (espírito e corpo). Essa natureza dupla dá ao *Mercurius* “o papel de mediador; ele é corporal e espiritual, e forma mesmo a união dos dois princípios”. (JUNG, 1990, p. 195)

A tradição medieval associa o unicórnio ao leão, porque ambos são fortes, ferozes e até cruéis, razão pela qual o unicórnio se chama *Lycornu* na França e na Itália e, possivelmente, o seu nome deriva de *lion*. Nas tapeçarias da “Dama e o unicórnio” do Museu Medieval, ambos os animais aparecem nas seis tapeçarias com destaque, bem à frente da cena, um de cada lado da “Dama”.

As tapeçarias do Museu Cluny, motivos dos poemas de Maria Tereza Horta, apresentam alegorias dos cinco sentidos – paladar, audição, olfato, visão, tacto. Nas cenas, temos a Dama no centro, o leão e o unicórnio ao lado dela, de modo proeminente, enquanto os outros animais estão, em tamanho menor, mais distantes. Nas tapeçarias, aparece também uma Aia, que interage com a Dama, servindo-lhe comida, entregando-lhe um cesto de flores e acionando os foles do organeto para a Dama tocar uma música. Todas as tapeçarias são tecidas com o estilo *Mille-fleurs*, próprio do final da Idade Média e início do Renascimento, o qual expõe a exuberância da flora medieval.

A Dama apresenta finas roupas, compatíveis com aristocracia, e expressão do rosto diferentes em cada cena. Uma sexta tapeçaria mostra a Dama dentro de uma tenda que traz no alto a frase *Mon seul désir* (Meu único desejo ou pela minha vontade somente) e

configura-se como uma espécie de consequência de um processo. Pesquisas permitem supor que as tapeçarias teriam sido oferecidas como presente de casamento por Jean Le Viste IV à noiva Geneviève de Nanterre, de modo que essa hipótese possibilita que se interprete a sexta tapeçaria como fazendo parte do conjunto que inclui os cinco sentidos e *Mon seul Désir* e sugere a realização amorosa. Contudo, nessa última tapeçaria, comenta Erlande-Brandenburg (1989, p. 69), a Dama despoja-se de um colar, que a aia recolhe numa espécie de caixa e, acrescentaria a esse comentário, que ela também aparece com os cabelos cortados ou mais curtos, despojada de joias, o que poderia significar uma renúncia à prisão aos cinco sentidos e, nessa direção, poder-se-ia afirmar que os sentidos são meios para se chegar à transcendência. A cena poderia representar o exercício do livre arbítrio, porque ela parece ter tomado uma decisão.

O livro de Maria Teresa Horta abre com duas perguntas: “A Dama seduz /Ou o Unicórnio entrega-se? No jogo da sedução/ Quem usa a taça e a seta?” (p. 11). Essas questões sugerem ao leitor que está em jogo a sedução e o amor. Em seguida, antes da primeira parte do livro, surge um poema, intitulado “Enredo”, cujo título estabelece uma analogia entre o tecedura do tapete e a tessitura literária, do qual citamos as duas primeiras estrofes:

É toda uma vida a suturar  
os extremos  
uma ponta atando o que a outra desata

Ambas a dar o nó  
do novelo, a tecer  
**a história a ser-nos contada**  
[...] (p.13)<sup>2</sup>

Desse modo, o amor e a arte se entrelaçam na urdidura da tapeçaria, que é descrita nos poemas da parte intitulada “Arte e Ofício”. Aqui são citados todos os envolvidos na arte da tapeçaria, tais como as tecedeiras, o desenhista, as fiandeiras, bordadeiras, ou seja, uma

---

<sup>2</sup> N.A.: Todas as citações de poemas serão retiradas desta edição: HORTA, Maria Teresa. *A Dama e o Unicórnio*. Portugal: Dom Quixote, 2013. Tendo em vista a ausência de número de páginas na edição, numeramos a partir da primeira folha de rosto, e indicamos essas páginas nos poemas citados, a partir dessa primeira citação.

equipe inteira no trabalho artístico. O sujeito lírico de um dos poemas já alude à personagem que estará no centro da cena, no caso “A virgem”. Vejamos dois poemas que tratam do trabalho de tecedura das tapeçarias:

### **Desenho**

O carvão do desenho  
A tornar-se invisível  
Debaixo das lãs, dos fios e das linhas

Que o copiam  
o bordam  
o abordam

pela parte de cima. (p.18)

### **Teares**

Aparelham-se os teares  
montam-se as lãs e os fios  
na trança da urdidura

A virgem  
fica parada

no desenho e no pincel  
Antes de ser desenhada  
depois tecida e fiada

na sedução da tontura  
pela qual é tomada (p.19)

No poema seguinte, intitulado “*Mille-Fleurs*”, o sujeito lírico demora-se em reflexões sobre o fundo da cena da tapeçaria por onde o mistério pode adentrar de modo cifrado, porque o estilo *Mille-fleurs* esconde os símbolos, mosqueados entre as flores e o bosque. Essa passagem do poema de Horta lembra o poema de Baudelaire, “Correspondências”, que afirma que a Natureza é um templo através do qual o homem passa por “floresta de símbolos” que o observam com olhares familiares” (Baudelaire, 1985.p. 114). A construção dos símbolos, extremo oposto ao signo, é retirado da Natureza para aludir ao misterioso, ao incognoscível, ao transcendente. O poema a seguir alude aos símbolos e ao final da tarde, quando tudo fica neblinoso e pleno de mistérios:

### **Mille-Fleurs**

Mille-fleurs  
a preencher  
de símbolos

a fundura  
da cena

A lonjura da pena  
que a tecedeira esconde

Mosqueando o bosque  
onde os enigmas  
se abrigam

Um fundo  
um mundo

de mille-fleurs  
a proteger dos venenos

verónicas rosas  
margaridas

quando nos finais das tardes  
descem

as neblinas (p. 28)

Na parte intitulada “As personagens”, Geneviève de Nanterre vislumbra a chegada do Unicórnio e quer seduzi-lo. Esse é dos poemas que retomam a ideia do mito do Unicórnio, personagem fabuloso que só aparece para jovens mulheres e é seduzido por elas. No poema, o animal tem asas invisíveis, que o aproximam do divino, porque as asas são, no caso, sinédoque da condição alada, indício de sua natureza espiritual e, que por serem invisíveis, as asas partilham do mistério, do incognoscível, do ser divino que, por vezes, se aproxima do ser humano, como no mito de Eros e Psiquê:

### **Geneviève de Nanterre**

A voz  
de Geneviève de Nanterre  
torna-se mansa quando lhe fala

Dizendo palavras  
de olfacto  
de benjoim e mato

Onde ele mora  
Inocente e cruel  
Imponderável  
Impossível  
  
E o unicórnio aproxima-se  
Entreabrindo as asas  
invisíveis (p.40)

Na sequência dos poemas e das imagens das tapeçarias francesas, que ilustram o livro, surgem os poemas em que essa proximidade entre a Dama e o Unicórnio é permeada pelos cinco sentidos. São eles que permitem sentir os cheiros das flores, do bosque e dos animais (olfato), ouvir os ruídos dos animais e da música (audição), experimentar o gosto das (paladar), sentir a textura (tacto) das coisas e do chifre do Unicórnio e ver a imagem do animal encantado e misterioso projetada no espelho (visão):

#### **Reverso**

O verso  
não existe  
no reverso da folha do olhar

Irrepetível o reflexo  
do Unicórnio no espelho

Confunde-se  
com todos os cavalos  
e as aves do mundo.

Como Pégaso  
E aquele que voa  
Na cisterna do fundo (p.80-81)

Esse poema trata das diversas características do Unicórnio, que tem poder de voar, como “as aves do mundo”, e o mais misterioso é que ele, como Pégaso, “voa na cisterna do fundo”. Segundo as crenças, ele habita grutas, cavernas, a que talvez se refira esse “fundo”, contudo o voo assimila-se aos seus poderes espirituais.

No jogo de sedução, ambos – a Dama e o Unicórnio – medem a distância que separa seus mundos, o imanente e o transcendente. A sedução aguça os sentidos, e esses tornam-se meio para a compreensão de verdades nunca vislumbradas antes. O Unicórnio afigura-se como um intermediário entre o divino e o humano, tal como o deus Hermes:

### **Intermediário**

Ele é intermediário  
como os anjos  
entre o símbolo e o olhar

a realidade e a magia

Entre quem vê e quem sente  
quem ilumina e cativa

Quem imagina e quem mente (p. 84)

No poema “Pureza,” o sujeito lírico sugere que esse encontro é um *locus* de passagem, que permite interpretar como ocorre a transição do ignorar para o conhecer, do mundo exclusivamente material para o espiritual. O amor ganha uma dimensão que une o desejo de encontro físico e espiritual ao mesmo tempo: este é o divisor de águas. É nisso que está a pureza:

### **Pureza**

A Dama reconhece a esquivez  
que o Unicórnio usa  
de pureza exposta

A distância, a constância  
a nudez do nada

A neve  
a sequestro  
a flecha da aragem

Ou será antes de tudo  
o lugar  
da passagem? (p. 86)

Desse Unicórnio ressumbra um mundo misterioso, com sugestões do imaginário alquímico, da união dos contrários, da verdade cifrada:

### **Sonho**

O Unicórnio  
sonha  
com a chuva



Com as neblinas  
com as lágrimas

Com as águas

Iludindo o disfarce  
da sua natureza  
enganadora e ávida (p. 89)

O conjunto de poemas de Maria Teresa Horta – em *A Dama e o Unicórnio* – encaminha-se paulatinamente do mundo humano, com nuances eróticas próprias da sedução para o mundo espiritual, simbólico, feito de enigmas indevassáveis. O encontro amoroso entre a dama e o Unicórnio, construído arditamente por ela, (“Eu capricho na conquista/ no fogo da sedução/ [...] Senhora de meu desejo/de meu prazer e paixão”, p. 98) ocorre em “um bosque” que “ensombrece” e logo depois “toma vida”(p. 106). Eis o momento da travessia de nível da sombra para a luz. Dentro da mata, o Unicórnio aguarda e, no poema que se refere a essa espera, novamente o Unicórnio surge com qualidades sobrenaturais e extraordinárias:

#### **A espera**

Dentro da mata  
o Unicórnio aguarda

Da matéria do poema  
ele é feito de símbolos

Do luar a palidez  
do seu pelo alvo

Crina de seda  
E patas de vidro

[...]

Sabe curar poetas  
esvaídos

Escuta as paixões  
as dores seculares

Os ódios mortais  
e os amores malditos (p.107)

No momento do encontro final com a Dama, o Unicórnio recua, “presente a fraqueza tomá-lo/manso a entregar-se/ num imenso vacilo”, então ele desvia-se, voa, e “a vertigem

invade a tapeçaria” (p.111). O Unicórnio, no poema “Queda”, recua novamente “temendo a avidez/ a crueldade , o ardil”(p. 113) feminino desprendido e dá-se conta que, se for capturado, ela o materializaria. Nos últimos poemas torna-se presente a tapeçaria, a obra de arte, que provoca emoções, e a Dama é novamente a personagem, a mulher que sonha com um amor seguro, deslocado das coisas materiais, não encontrável na realidade:

### **Desassossegos**

Nas tapeçarias  
como um dia no espelho  
virá a ser Alice

Eurídice?

Dona dos desassossegos  
e fascínio do sonho

De desejo  
do desenredo do medo.

Muitos mitos se entrelaçam na tessitura dos versos de Maria Teresa Horta, tantos que precisaríamos de muitas páginas para decifrá-los, entrelaçá-los no propósito interpretativo, tais como a taça do Graal, aludida em título do poema, em que a dama bebe o sangue do Unicórnio, aqui associado à imagem de Cristo crucificado. Cazenave informa, na *Encyclopédie des symboles*, que há uma tapeçaria no Museu Cloisters, perto de Nova York, que representa o Unicórnio acorrentado a um granadeiro, sugerindo que o Unicórnio seria o Cristo sacrificado ( CAZENAVE, dir. 1989, p. 358). O verbete da *Encyclopédie* informa também que, de modo geral, na Idade Média, houve uma tendência a considerar que o chifre do Unicórnio simbolizaria “o poder de penetração do espírito Santo na natureza virgem que ele fecundava, como Maria tinha sido para a concepção de Jesus” (Idem, p, 358).

Retornando ao livro de Maria Teresa Horta, na última parte, intitulada ‘Uma fala sem mundo’, o sujeito lírico inicia os cinco poemas finais com o verso: “O que faço da minha eternidade?”. Neles, o sujeito lírico revela os dilemas da Dama, abismada com a sua solidão, vendo atrás de si uma liberdade ilusória, que “a sequestra, a amestra, a doma e a sujeita” (p.140). E ele revela no poema seguinte, segunda estrofe, os sentimentos da Dama aprisionada:

[...]

Falsamente Dama do seu corpo  
A embrenhar-se na floresta da utopia em busca  
De um poder libertador daquilo que seria  
O seu inevitável destino sem gosto a futuro

[...]

A mulher reprimida, agrilhoadada ao Unicórnio, compreende o embuste de seu passado, da sua falsa vida. Aqui Horta sugere que a dama representa todas as mulheres aprisionadas, sem direito a escolhas, dominadas pelas convenções sociais, sem o direito sobre o seu próprio corpo:

**O que faço da minha eternidade?**

Pergunta-se de novo a si mesma

E ao ver-se agrilhoadada ao Unicórnio  
Ela entende o embuste, o passado  
Que a rodeia e a leva a repetir-se  
Numa infundável e incomensurável cadeia (p. 143)

E o sujeito lírico faz com que a própria Dama expresse seus sentimentos, porta-voz de muitas mulheres, em todos os tempos:

“Não sei quando começaram os suspiros,  
Os murmúrios, os clamores as vozes  
E as tantas memórias obscuras e alheias.  
Não sei quando começaram os meus êxtases

As visões, os gritos e os gemidos”  
- um chamamento antigo tantas vezes  
multiplicado quantos nela têm sido os tempos

Os dias dos meses e dos séculos que  
Já deixou de contar, de conter, de entender. (p.143)

A resposta à pergunta repetida no início de seis poemas - “O que faço da minha eternidade?”- quase ao final do livro, está nos seguintes versos:

**O que faço de minha eternidade?**

Pergunta de novo a si mesma

Pois ao longo dos tempos o vazio é  
tão grande que não o suporta mais  
“É esta a minha eternidade?”- reclama

E tudo na Dama se aplanava, se desfazia e esvai. (p.144)

O livro finaliza com o retorno da dama ao Atelier das tapeçarias, o sonho a escapar pelas mãos, o vazio invadindo tudo. A beleza do encontro com o Unicórnio fica no campo da utopia, do sonho, “dos mitos e da poesia desatada”, porque ela continuará acorrentada à tapeçaria, encarcerada. No dualismo vida-arte, a vida da modelo fica presa nas tapeçarias e eterniza-se, como aquela personagem que posa para o pintor no conto “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe. A Dama presa à tapeçaria é um índice de um passado morto que revive pela arte e a cada nova exegese dos seus intérpretes.

Tal como as tapeçarias, a obra “A Dama e o Unicórnio” é de uma beleza imensurável, com poemas cheios de enigmas, cujas tessituras entrelaçam mitos que atravessam a história da humana, mitos que são o crisol onde os seres humanos depositaram suas dores, expectativas, frustrações, solidão, e nele está também a memória das mulheres subjugadas, presas a casamentos não escolhidos, a interesses outros que não os seus próprios. A leitura aqui realizada é como a ponta de um *iceberg*, que, como o símbolo, esconde muitas significações sob profundas águas marítimas, tais como os sentidos ocultos nessa obra poética, impregnada de símbolos.

## Referências

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Ed. Bilíngue. Trad. De Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAZENAVE, Michel (dir.) *Encyclopedie des symboles*. Le Livre de Poche, 1989 (La Pochothèque)

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988

ERLANDE-BRANDENBURG, Alain. “Étude”. In: *La Dame à la Licorne*. Paris: Ed. De la Réunion des Musées Nationaux, 1989.

HORTA, Maria Teresa. *A Dama e o Unicórnio*. Portugal: Dom Quixote, 2013.

JOSSUA, Jean-Pierre. *La Licorne: histoire d'un couple*. Paris: Ed. Du CERF, 1994.

JUNG, C. G. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991, v. XII (Obras Completas de Jung).

JUNG, C. G. Petrópolis *Mysterium Coniunctionis* (RJ): Vozes, 1991, v. XIV/2 (Obras Completas de Jung).

A.M. Lisboa de Mello.

“O que faço da minha eternidade”? - O imaginário medieval em *A dama e o unicórnio*, de Maria Teresa Horta

Artigo recebido em 25/06/2021

Artigo aceito para publicação em: 25/06/2021